



NELLY FERREIRA

SÃO PAULO (SP) - 07 de abril de 1965
SÃO PAULO (SP) - 02 de março de 1983

Filha do Prof. Dr. Celso Ferreira, titular da Cadeira de Cardiologia da Escola Paulista de Medicina, e de D. Elza Lo Ré Ferreira, Nelly faleceu aos 18 anos incompletos, quando cursava o último ano de Magistério, no Colégio Notre Dame, em São Paulo.

Alegre, muito voltada às crianças, conhecia piano, flauta e violão; completam-lhe o grupo familiar os irmãos Celso Ferreira Filho e Marcelo Ferreira.

“Pela magia da flauta e os acordes de seu violão, Nelly exibía personalidade voluntariosa, nada convencional, sempre certa do que fazer e dizer. Era, não obstante, uma menina-moça, meiga, doce, sensível e, sobretudo, muito bondosa e carinhosa, sempre com as cordas da sua sensibilidade à frente da razão e do convencional.” Assim, em síntese formidável, sua mãe-zinha Elza nos descreve Nelly.

Sem Nelly, sentimos que o nosso lar ficara totalmente destruído e tínhamos não poder levar a vida adiante, apesar de nossos outros dois filhos.

Amigos nos levaram até a presença de Chico Xavier, de início no Rio de Janeiro e, posteriormente, em Uberaba.

Na segunda viagem a Uberaba, pudemos reencontrar nossa filha Nelly. Somente assim, embora com a irreparável perda e com a alma dilacerada, pudemos ter os elementos, a esperança e a força para reconstruir nosso lar...

ELZA LO RÉ FERREIRA

Querida mãezinha Elza e querido papai Celso.

Estamos num instante em que a minha alegria transborda do peito, de modo indefinível.

Admito que possam assimilar a essência do meu júbilo, porque trazer no coração a expectativa de um adeus interminável e, depois, reencontrar a felicidade do nosso abraço em família, sem que força alguma nos afaste uns dos outros, a meu ver, é tomar posse de uma felicidade que se imagina no mundo, sem o menor recurso para encontrar-lhe a beleza.

Sei que a grande barreira foi atravessada...

De começo, lutei contra a sugestão de me desligar do corpo cansado e enfermo. O doente é um cliente do consultório da esperança em todos os momentos da vida, depois de se acomodar com a enfermidade. E, nesse aspecto da minha situação, acreditei sempre que me livraria do peso incômodo daquele enfeite purga-

torial que eu trazia.

Prefiro usar a presente conceituação porque chega o momento no qual descobrimos que a moléstia prolongada é um adorno para a alma, muito embora não queiramos exibí-la nessa condição, enquanto andamos por aí, suportando o fardo de nossas inibições orgânicas.

Não pensava em desligamento da vida terrestre e queria, a qualquer preço, continuar sendo a companheira ou a boneca mimada da mãezinha Elza.

Mãe, recordo-a, com a sua bondade, pisando devagarinho no quarto, supondo-me a dormir e temendo acordar-me de modo inconveniente. Ainda sinto as suas mãos de veludo a me tocarem de leve, para indagar depois se eu ainda sentia dores fortes.

Retorno à sua presença querida e re-vejo os seus olhos molhados de lágrimas, em me observando o abatimento gradativo. Lágrimas que você sabia disfarçar para que eu não me acreditasse em piora incessante...

De tudo me lembro e tudo agradeço...

Que preciosidades existirão suscetíveis de significar o reconhecimento dos filhos pela dedicação dos pais? Creio que não existem.

Por isso, rogo a Jesus lhes conceda um pedaço de céu em nossa casa com muitas felicidades junto a meus irmãos. A Divina Provi-

dência recompensá-los-á pelo muito amor com que me fortaleceram a certeza de que eu viveria para a nossa união indestrutível...

Se a doença era uma coleção de sintomas difíceis de suportar, o carinho que me doavam era um anestésico permanente, com o qual sonhei por muito tempo com uma cura física impossível.

Quando dormi o longo sono de que não despertei tão depressa, alguém estava comigo, à maneira da mãezinha Elza, velando e acariciando-me, qual se eu houvesse voltado a ser uma criança...

Demorei-me a identificar a diferença, mas acabei por reconhecer a Vovó Nelly¹, que tem sido para mim outra mãe pelo coração.

É nessa disposição de quem se reencontra devagar na existência nova que fui chamada a viver, que estou aqui para lhes agradecer e lhes beijar as mãos queridas.

Peço à querida mãezinha Elza alegrar-se e viver. Não podemos esquecer que o papai Celso e os nossos queridos Celso e Marcelo, os irmãos inesquecíveis, contam com a sua dedicação. Mãe querida, rogo-lhe fortaleza de ânimo e fé viva em Deus, que nos criou para a vida e não para a morte.

¹ Nelly Ramos Lo Ré faleceu em 1964.

Estou muito sensibilizada em lhes apresentando minha alma reconhecida.

Por isso, peço aos pais queridos me perdoarem a indigência das palavras que não me retratam os sentimentos.

E recebam os dois, com os nossos valorosos meninos, muito amor, todo este amor que me corre do íntimo ao encontro dos pais bem-amados, rogando à mãezinha Elza receber os beijos orvalhados do pranto de alegria e reconhecimento da sua filha, sempre a sua

Nelly
NELLY FERREIRA
12.11.83